



A relação entre Carga Horária de Trabalho e Satisfação com a Vida entre Profissionais de Saúde em Unidade de Terapia Intensiva em Campo Grande-MS

Ana Carolina dos Reis Santos¹, Bruna Telles Gabriel¹, Caio Henrique Menegat Caetano¹, Gabriela Elesbão Coquemala¹, Gabriel Leal Nunes Vieira¹, Gustavo Santin Boti¹, Guilherme Arthur Fatini Moreira¹, Maria Eduarda Manieri Vicente¹, Guilherme Arthur Fatini Moreira¹, Alessandra Helena Gonsalves Andrade¹



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n10p1116-1129>

Artigo recebido em 8 de Setembro e publicado em 18 de Outubro de 2025

ARTIGO ORIGINAL DE REVISÃO

RESUMO

O bem-estar humano, que envolve aspectos subjetivos e cognitivos, é um indicador da qualidade de vida, sendo a satisfação com a vida um reflexo importante dessa dimensão. Fatores sociais, culturais e o trabalho desempenham papel fundamental na sua formação. Em ambientes de alta pressão, como as Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), a carga horária excessiva pode afetar negativamente o bem-estar, levando à exaustão física e mental. Este estudo investigou a relação entre a carga horária de trabalho e a satisfação com a vida de profissionais de saúde da UTI do Hospital de Câncer Alfredo Abrão, em Campo Grande (MS). Utilizando uma abordagem quantitativa, a pesquisa contou com 33 participantes, entre médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, fisioterapeutas e outros membros da equipe multidisciplinar. A satisfação com a vida foi medida por meio da Escala de Satisfação com a Vida (ESV), e a carga horária foi avaliada por um questionário específico. Os resultados mostraram que a carga horária média semanal foi de 40,55 horas, e a média de satisfação com a vida foi moderada (22,64 pontos). As correlações entre carga horária, número de vínculos e satisfação com a vida foram fracas e negativas, sem significância estatística. A pesquisa revela a necessidade de promover condições de trabalho mais equilibradas para melhorar o bem-estar desses profissionais, com implicações para políticas de saúde que visem não apenas a eficiência assistencial, mas também a saúde e o cuidado dos trabalhadores da saúde.

Palavras-chave: Bem-estar Humano, Satisfação com a Vida, Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

The Relationship Between Workload and Life Satisfaction Among Healthcare Professionals in Intensive Care Units in Campo Grande, Brazil

ABSTRACT

Human well-being, which involves subjective and cognitive aspects, is a crucial indicator of quality of life, with life satisfaction being an essential reflection of this dimension. Social, cultural, and workrelated factors are fundamental in its formation. Excessive working hours can negatively impact wellbeing in high-pressure environments, such as Intensive Care Units (ICUs), leading to physical and mental exhaustion. This study investigated the relationship between working hours and life satisfaction among healthcare professionals in the Hospital de Câncer Alfredo Abrão ICU in Campo Grande (MS). Using a quantitative approach, the research included 33 participants, including doctors, nurses, nursing technicians, physiotherapists, and other multidisciplinary team members. Life satisfaction was measured using the Life Satisfaction Scale (LSS), and working hours were assessed through a specific questionnaire. The results showed that the average weekly working hours were 40.55 hours, with an average life satisfaction score of 22.64 points, indicating moderate satisfaction. The correlations between working hours, number of jobs, and life satisfaction were weak and negative, with no statistical significance. The research highlights the need to promote more balanced working conditions to improve the well-being of these professionals, with implications for health policies aimed not only at improving care efficiency but also at safeguarding the health and well-being of healthcare workers.

Keywords: Human Well-being, Life Satisfaction, Intensive Care Unit (ICU).

Instituição afiliada – ¹Universidade Anhanguera – UNIDERP

Autor correspondente: Caio Henrique Menegat Caetano caiomenegat@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

O bem-estar humano é uma dimensão essencial da existência, abrangendo aspectos subjetivos e cognitivos. No âmbito subjetivo, incluem-se as emoções positivas e negativas, enquanto, no aspecto cognitivo, a satisfação com a vida se destaca como um indicador relevante. A satisfação com a vida é definida como a avaliação global que o indivíduo realiza sobre sua realidade, influenciada por fatores sociais e culturais que moldam suas percepções sobre realização pessoal (Siqueira e Padovam, 2008; Teixeira e Prebianchi, 2019). Para sua mensuração, a Escala de Satisfação com a Vida (ANEXO 1), validada no Brasil, constitui uma ferramenta confiável para estudos que abordaram esse tema (Reppold *et al.*, 2019).

O trabalho representa um componente central da vida humana, afetando diretamente a qualidade de vida dos indivíduos. Sendo assim, a qualidade de vida é definida como a percepção do indivíduo sobre sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores os quais ele vive e, em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (WHOQOL Group, 1995). Assim, a qualidade de vida pode incluir elementos objetivos, como renda e horas de lazer, enquanto a satisfação com a vida depende da interpretação pessoal desses elementos, como por exemplo o grau de realização pessoal. A literatura demonstrou que a carga horária de trabalho exerce influência sobre o bem-estar subjetivo, podendo gerar exaustão física e mental, além de prejudicar a realização de projetos pessoais (Schmidt *et al.*, 2013; Acto, 2017). No contexto das Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), os profissionais de saúde enfrentam demandas constantes relacionadas à assistência a pacientes em estado crítico. Esse cenário inclui a exposição diária à morte, jornadas prolongadas e elevado nível de responsabilidade, fatores que contribuem para maior desgaste físico e psicológico (Pessini, 2016; Bolela e Jericó, 2019).

Um estudo da Canadian Medical Association, com 3.520 médicos, revelou que 62% relataram uma carga de trabalho excessiva, evidenciando a complexidade e os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde em ambientes de alta pressão (Schmidt *et al.*, 2013). Diante dessa realidade, esse estudo investigou como a carga horária influencia o bem-estar desses profissionais e quais estratégias poderiam mitigar



seus efeitos adversos.

A hipótese deste estudo sustenta que cargas horárias excessivas promovem exaustão física e mental, comprometendo a satisfação com a vida dos profissionais. O presente trabalho visou contribuir com evidências que possam embasar políticas de gestão e intervenções no ambiente de trabalho, promovendo não apenas a eficiência assistencial, mas também o bem-estar e a saúde integral dos trabalhadores da saúde.

Este estudo teve como objetivo principal analisar o impacto da carga horária de trabalho na satisfação com a vida dos profissionais de saúde que atuam em UTIs. Os objetivos específicos incluíram descrever o perfil epidemiológico dos profissionais, quantificar o número de horas trabalhadas, avaliar a satisfação com a vida e estabelecer correlações entre esses aspectos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou uma abordagem quantitativa, sendo realizado um estudo transversal e observacional, com o objetivo de investigar a relação entre a carga horária de trabalho e a satisfação com a vida entre profissionais de saúde atuantes na UTI do Hospital de Câncer Alfredo Abrão, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul (MS). O Hospital de Câncer Alfredo Abrão é uma entidade filantrópica, beneficente e sem fins lucrativos e é o único hospital totalmente especializado em oncologia no Mato Grosso do Sul, sendo composto de 64 leitos, dentre os quais 10 são destinados à Unidade de Terapia Intensiva adulto. A amostra da pesquisa, sendo feita de maneira voluntária, foi composta por 33 profissionais de saúde, incluindo médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, nutricionistas e farmacêuticos, que representam a equipe multidisciplinar da UTI.

Para medir a satisfação com a vida, foi aplicada a Escala de Satisfação com a Vida (ESV), um instrumento validado e adaptado para o Brasil, que utiliza uma escala Likert de 1 a 7. Esta escala avalia a percepção global do indivíduo sobre sua qualidade de vida, onde o valor 1 corresponde a "discordo totalmente" e o valor 7 a "concordo totalmente", conforme os parâmetros estabelecidos por Hutz (2013).

A carga horária de trabalho foi avaliada por meio de um questionário elaborado pelos pesquisadores, composto por três perguntas específicas: carga horária semanal,



número de vínculos empregatícios e a satisfação com a carga horária trabalhada. O questionário foi disponibilizado em formato eletrônico, acessível por meio de um QR Code colocado em banner exposto na recepção da UTI, garantindo a acessibilidade e a confidencialidade dos dados dos participantes.

Os critérios de inclusão para o estudo foram: idade igual ou superior a 18 anos, participação ativa na equipe multidisciplinar da UTI, e consentimento informado para a participação no estudo. Profissionais que não completaram o questionário ou que necessitaram de assistência para o preenchimento foram excluídos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme parecer CAAE: 78779724.6.0000.0199, emitido em 08/04/2024, e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em conformidade com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

A análise dos dados foi realizada de forma manual, utilizando técnicas de estatística descritiva. Para as variáveis categóricas, foram calculadas as frequências absolutas e relativas, enquanto para as variáveis contínuas (como a carga horária semanal e a satisfação com a vida), foram calculadas a média, a mediana, a moda e o desvio padrão. A relação entre a carga horária semanal e a satisfação com a vida foi inicialmente investigada por meio do teste de correlação de Pearson, considerado adequado para dados com distribuição aproximadamente normal. Um nível de significância de 5% ($p < 0,05$) foi adotado para o teste de hipóteses.

Os resultados foram interpretados com base nos coeficientes de correlação obtidos, que indicam a direção e a força das relações entre as variáveis em análise. Esta metodologia garantiu que a análise fosse realizada de forma rigorosa, ao mesmo tempo que fosse acessível e condizente com o conhecimento técnico disponível. A escolha dos métodos estatísticos e a clareza nos procedimentos visaram assegurar a validade e a confiabilidade dos resultados, permitindo que as conclusões da pesquisa fossem fundamentadas em dados robustos e analisados de maneira apropriada.

RESULTADOS

A amostra foi composta por 33 profissionais de saúde da UTI do Hospital de Câncer Alfredo Abrão, sendo 25 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, com idades



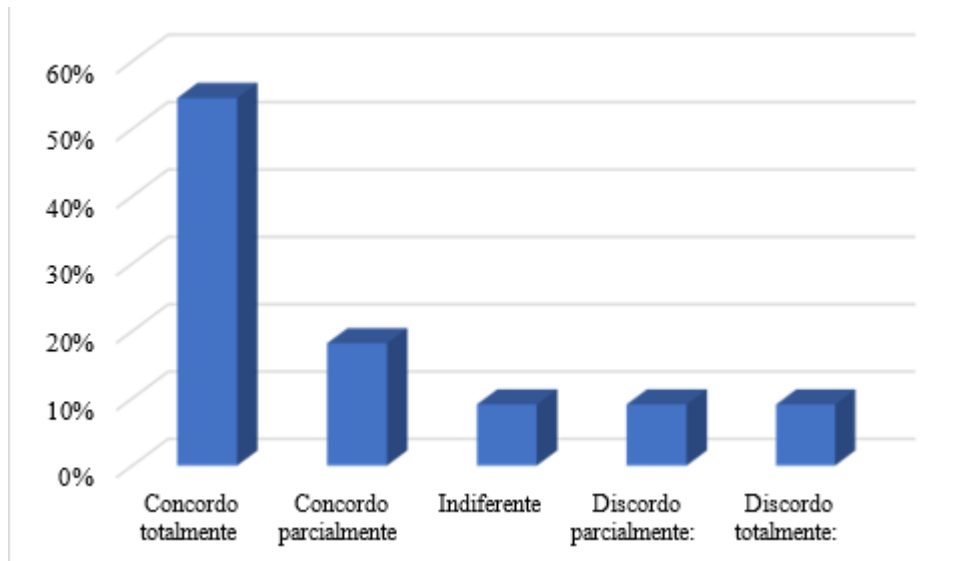
variando de 22 a 53 anos. Quanto ao estado civil, 14 participantes eram solteiros, 13 casados, 1 viúvo e 5 divorciados.

A carga horária semanal média dos profissionais foi de 40,55 horas (desvio padrão = 14,83 horas), indicando uma variação considerável entre os participantes, refletindo diferentes regimes de trabalho e necessidades dentro da UTI. A média de vínculos empregatícios foi de 1,42 vínculos (desvio padrão = 0,56 vínculos), o que sugere que, em sua maioria, os participantes possuem um único vínculo de trabalho, embora haja profissionais que acumulem mais de um emprego.

Em relação à satisfação com a vida que tem o seu score entre 5 e 35, a média das respostas na Escala Likert foi de 22,64 (desvio padrão = 6,07), o que aponta um nível moderado de satisfação entre os profissionais. As correlações entre a carga horária de trabalho, o número de vínculos empregatícios e a satisfação com a vida revelaram uma correlação fraca e negativa entre carga horária e satisfação com a vida ($r = -0,24$) e entre número de vínculos e satisfação com a vida ($r = -0,26$), sugerindo que, à medida que esses fatores aumentam, a satisfação com a vida tende a diminuir, embora de forma fraca e sem significância estatística. A correlação entre carga horária e número de vínculos foi praticamente inexistente ($r = 0,06$), indicando que a carga horária não está diretamente associada ao número de vínculos.

A percepção dos profissionais quanto à adequação da carga horária para a realização das tarefas com qualidade foi analisada com base nas respostas dos participantes, conforme ilustrado no Gráfico 1 onde foram analisados e observou-se que 50% dos participantes concordaram totalmente, 15% dos participantes concordaram parcialmente e 8% dos participantes foram indiferente, 8% discordaram parcialmente e 8% discordaram totalmente .

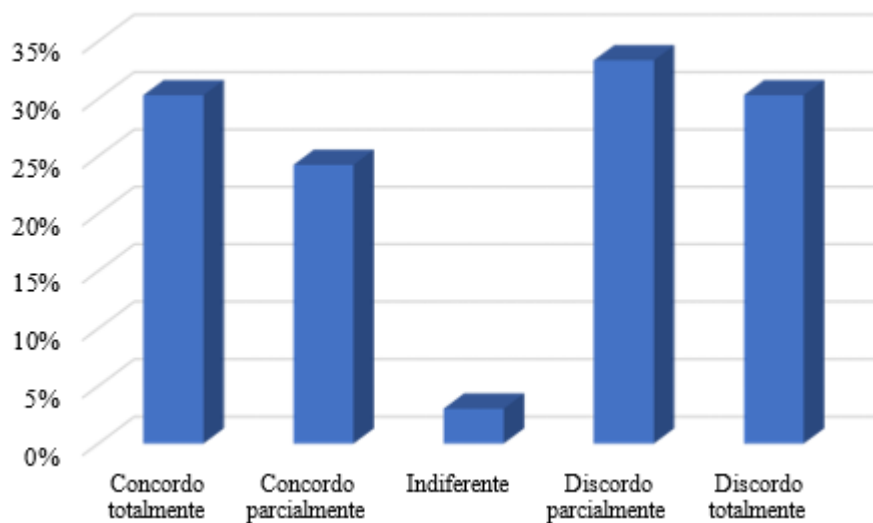
Gráfico 1 – Percepção sobre a Carga Horária de Trabalho em profissionais de saúde da UTI no Hospital de Câncer Alfredo Abrão em 2024



Fontes: Autores (2024).

Em relação à quantidade de empregos e sua capacidade de atender às demandas financeiras, sociais e psicológicas, a maioria dos participantes expressou uma visão mais crítica sobre a quantidade de vínculos empregatícios, como evidenciado no Gráfico 2 .

Gráfico 2 – Percepção sobre a Quantidade de Empregos em profissionais de saúde da UTI no Hospital de Câncer Alfredo Abrão em 2024

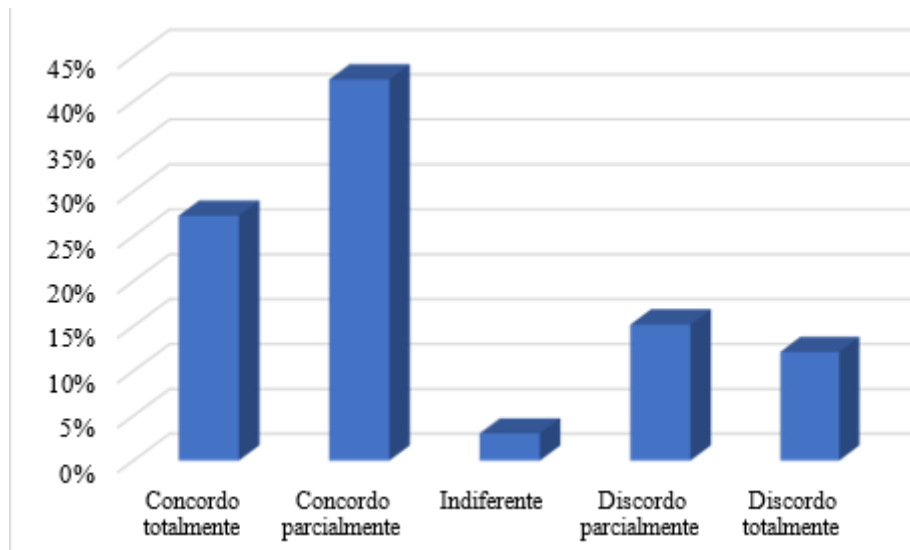


Fonte: Autores (2024).

Além disso, a satisfação geral dos profissionais com a carga horária trabalhada também foi abordada, com os resultados apresentados no Gráfico 3. A amostra foi composta por profissionais de diversas áreas da equipe de saúde da UTI, com

predominância de Técnicos de Enfermagem. E os dados mostraram que 26% dos participantes concordaram totalmente, 41% dos participantes concordaram parcialmente, 3% dos participantes indiferente, 17% dos participantes discordaram parcialmente, 11% dos participantes discordaram totalmente.

Gráfico 3 – Satisfação com a Carga Horária Trabalhada em profissionais de saúde da UTI no Hospital de Câncer Alfredo Abrão em 2024



Fonte: Autores (2024).

O quadro 1 detalha a distribuição das profissões dos participantes da pesquisa.

Quadro 1 – Distribuição das Profissões na Amostra

Profissão	Número de Participantes
Auxiliar de Serviços Gerais	1 participante
Enfermeiros	4 participantes
Fisioterapeutas	6 participantes
Fonoaudiólogo	1 participante
Médicos	3 participantes
Técnicos de Enfermagem	18 participantes

Fonte: Autores (2024).

DISCUSSÃO



Os resultados do presente estudo contribuem para a análise das condições de trabalho e da satisfação com a vida dos profissionais de saúde que atuam na UTI, destacando-se por sua abordagem em um contexto específico, para isso foram investigados nessa pesquisa correlação entre a carga horária de trabalho, múltiplos vínculos trabalhistas e satisfação com a vida. Embora a literatura existente ressalte aspectos amplos das condições de trabalho em saúde, os achados deste estudo oferecem nuances importantes para discussões mais direcionadas.

Primeiramente, a relação negativa e fraca entre a carga horária e a satisfação com a vida ($r = -0,24$), bem como entre o número de vínculos empregatícios e a satisfação com a vida ($r = -0,26$), corrobora parcialmente a literatura sobre os impactos adversos de cargas excessivas de trabalho. Estudos prévios indicam que longas jornadas estão associadas à exaustão emocional e ao comprometimento das relações interpessoais, como evidenciado por Maslach, Schaufeli e Leiter (2001). No entanto, a ausência de significância estatística nas correlações do presente estudo contrasta com a literatura mais ampla, que aponta relações mais robustas entre carga horária elevada e efeitos negativos no bem-estar (Barros *et al.*, 2008; Ramos, Peiró & Ripoll, 1996). Essa discrepância pode ser atribuída ao tamanho amostral reduzido, o que limita a generalização dos resultados.

A percepção de adequação da carga horária, com 18 participantes concordando totalmente com essa afirmação, diverge da predominância de relatos de sobrecarga em outros estudos conduzidos em UTIs. Por exemplo, Barros *et al.* (2008) identificaram que a carga horária excessiva e as demandas emocionais em UTIs contribuem para níveis elevados de síndrome de Burnout, afetando tanto o desempenho quanto a qualidade de vida. Essa percepção mais positiva pode estar relacionada à natureza das atividades desempenhadas por parte da amostra, predominantemente composta por Técnicos de Enfermagem. Profissionais com tarefas mais padronizadas e rotineiras tendem a apresentar menor exposição a demandas de tomada de decisão e responsabilidade direta sobre desfechos clínicos críticos, o que pode reduzir o risco de exaustão emocional e de desenvolvimento de burnout em comparação a funções de maior complexidade, como as de médicos e enfermeiros.

Outro ponto relevante a ser discutido é o nível moderado de satisfação com a vida observado na amostra (média = 22,64), o qual pode refletir um equilíbrio parcial entre

as exigências profissionais e pessoais. Embora essa medida esteja em linha com o nível moderado de satisfação reportado por profissionais da saúde em contextos semelhantes, a literatura aponta que o equilíbrio entre papéis de vida, como trabalho, lazer e família, é crucial para atingir níveis mais elevados de satisfação e bem-estar (Eurofound, 2012). Também, estudos prévios indicam que níveis intermediários de satisfação estão frequentemente associados à presença de sintomas leves a moderados de burnout, especialmente nas dimensões de exaustão emocional e despersonalização (Maslach, Schaufeli e Leiter, 2001). No presente estudo, as percepções mistas sobre a adequação do número de empregos às demandas financeiras e psicológicas (10 participantes discordaram totalmente e 11 discordaram parcialmente) reforçam essa perspectiva, sugerindo que o acúmulo de vínculos empregatícios pode prejudicar o equilíbrio trabalho-vida. Ademais, há evidências de que o risco de burnout apresenta diferenças hierárquicas importantes: médicos e enfermeiros tendem a demonstrar maior vulnerabilidade em comparação aos técnicos de enfermagem, devido à maior responsabilidade clínica e carga decisória (Barros et al., 2008). Assim, o resultado moderado de satisfação pode refletir uma adaptação parcial ao estresse ocupacional inerente à rotina da UTI.

Além disso, a análise do impacto das condições físicas de trabalho, como ambiente e carga física, foi limitada, o que reflete os achados de outros estudos que também subestimam essas dimensões (Freire, 1993; Ramos, Peiró e Ripoll, 1996). No entanto, é importante destacar que a exposição prolongada a agentes biológicos e o desgaste físico em UTIs têm implicações significativas tanto físicas quanto psicológicas, podendo levar a estresse crônico e fadiga, como já apontado pela literatura. Futuras investigações poderiam explorar esses aspectos de maneira mais detalhada, considerando as especificidades do ambiente de trabalho.

Finalmente, a predominância de Técnicos de Enfermagem (54,5%) na amostra revela a importância desse grupo na composição da força de trabalho em UTIs. Essa distribuição também está alinhada com a literatura, que aponta que os Técnicos de Enfermagem frequentemente enfrentam condições psicossociais adversas no ambiente de trabalho, embora também demonstrem resiliência no enfrentamento das demandas diárias (Hackman e Oldham, 1980; Leka, Cox e Zwetsloot, 2008). No entanto, o impacto do suporte institucional, como programas de apoio psicológico, supervisão clínica e



iniciativas voltadas ao lazer e descanso, não foi explorado neste estudo, embora a literatura aponte que esses fatores são determinantes para a promoção do bem-estar e para a prevenção do estresse ocupacional e do burnout (Barros *et al.*, 2008). Considerando isso, torna-se essencial que instituições hospitalares implementem políticas de saúde ocupacional voltadas à regulação da carga horária, à criação de espaços de escuta e ao fortalecimento do suporte emocional entre equipes. Tais medidas poderiam reduzir o impacto negativo das longas jornadas e promover maior equilíbrio entre produtividade e qualidade de vida.

Dessa forma, o presente estudo contribui para a compreensão das condições de trabalho e sua relação com a satisfação com a vida em UTIs, mas evidencia a necessidade de estudos futuros que abordem uma amostra maior e incluam análises mais detalhadas das dimensões físicas e psicossociais do trabalho, bem como do impacto do equilíbrio trabalho-vida e do suporte organizacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sugere que a carga horária de trabalho exerce influência sobre a satisfação com a vida dos profissionais de saúde atuantes em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), ambientes caracterizados por alta demanda física, emocional e cognitiva. Embora a relação entre carga horária e satisfação com a vida tenha sido fraca e negativa, os achados apontam para a complexidade das condições laborais nesse contexto, indicando que o bem-estar subjetivo é afetado não apenas pelo número de horas trabalhadas, mas também por fatores psicossociais e organizacionais.

A análise revelou que longas jornadas e múltiplos vínculos empregatícios podem contribuir para o declínio da qualidade de vida, ainda que de forma não significativa nesta amostra. Esses resultados reforçam a importância de estratégias institucionais voltadas à promoção do bem-estar e prevenção do burnout, como a redistribuição equilibrada de plantões, oferta de programas de apoio psicológico, incentivo ao lazer e criação de ambientes de trabalho que favoreçam o equilíbrio entre vida profissional e pessoal.

Entre as limitações deste estudo, destacam-se o tamanho amostral reduzido e a predominância de técnicos de enfermagem, o que pode restringir a generalização dos



resultados. Recomenda-se que futuras pesquisas incluam amostras mais amplas e heterogêneas, abrangendo diferentes categorias profissionais e contextos hospitalares, bem como abordagens longitudinais que permitam observar a evolução do bem-estar e da satisfação ao longo do tempo.

Conclui-se, portanto, que compreender a relação entre carga horária e satisfação com a vida é fundamental para embasar políticas de gestão mais humanizadas e sustentáveis, capazes de conciliar eficiência assistencial e saúde mental dos profissionais que atuam em UTIs.

REFERÊNCIAS

ACTO, S. H. Condições de trabalho e satisfação com a vida em geral: o papel mediador da satisfação com os papéis de uma vida numa amostra de enfermeiros. Tese (Mestrado em Psicologia) – **Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa. Lisboa**, p. 40. 2017.

BARROS, D.S. *et al.* Médicos plantonistas de unidade de terapia intensiva: perfil sócio-demográfico, condições de trabalho e fatores associados à síndrome de burnout. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva** [online]. 2008, v. 20, n. 3 [Acessado 1 Novembro 2023], pp. 235-240.

BOLELA, F; JERICÓ, M. C. Unidades de terapia intensiva: considerações da literatura acerca das dificuldades e estratégias para sua humanização. **Escola Anna Nery**, v.10, n. 2, p.301 – 309, ago, 2006.

EUROFOUND (2012). Fifth European Working Conditions Survey. **Publications Office of the European Union**. Luxembourg.

FREIRE, J. (1993). *Sociologia do Trabalho: uma introdução*. Porto: Edições Afrontamento.

HACKMAN, J. R. e OLDFHAM, G. R. (1980). **Work redesign**. Reading, MA: Addison-Wesley.

HUTZ, C. **Avaliação em psicologia positiva**. São Paulo: Grupo A Educação, 2014.

LEKA, S., COX, T. e ZWETSLOOT, G. (2008). The European framework for psychosocial risk management. **PRIMA-EF. I-WHO Publications**, Nottingham.



MASLACH, C., SCHAUFELI, W.B., LEITER, M.P. Job burnout. **Annu Rev Psychol.** 2001; 52:397-422.

PESSINI, L. Vida e morte na UTI: a ética no fio da navalha. **Revista Bioética**, v. 24, n. 1, p. 54–63, jan. 2016.

RAMOS, J., PEIRÓ, M. J. e RIPOLL, P. (1996). Condiciones de Trabajo y Clima Laboral. In Peiró, J. M & Prieto, F. (Eds.), **Tratado de Psicología del Trabajo**, Volumen I: La actividad laboral en su contexto. Síntesis Psicología, España.

REPPOLD, C. et al. **Satisfaction with Life Scale**: Evidences of validity and reliability among Portuguese college students. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, v. 6, n. 1, p. 15-23, 1 Jul. 2019.

SIQUEIRA, M. M. M.; PADOVAM, V. A. R. **Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 24, n. 2, p. 201–209, abr. 2008.

WHOQOL GROUP. The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL): Position paper from the World Health Organization. **Social Science & Medicine**, v. 41, n. 10, p. 1403–1409, 1995.

SCHMIDT, D. R. C. et al. **Qualidade de vida no trabalho e burnout em trabalhadores de enfermagem de Unidade de Terapia Intensiva**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 66, n. 1, p. 13– 17, jan. 2013.

TEIXEIRA, F. D.; PREBIANCHI, H. B. Comprometimento, estresse e satisfação com a vida de profissionais da saúde. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Brasília, v. 19, n. 2, p. 598-606, jun. 2019.